

# O PROGRESSO CATHOLICO

## BENÇÃO APOSTOLICA!

BEATISSIME PATER!

**S**tendo importantes os serviços prestados à Santa Egreja em Portugal, pelo jornal catholico — O Progresso Catholico — que se publica ha quasi oito annos na cidade de Guimarães, peço a Vossa Santidade que se digne conceder a Sua Santa Benção para o director, redactores e leitores do referido jornal.

Et — Deus —

*Jose, Cardinal Patriarcha de Lisboa.*

Ex Aedibus Vaticanis die 2 Julii de 1886.

Santissimus Benedictionem Apostolicam secundum preces benigne concedere dignatus est.

*G. Boccali.*

## TRADUÇÃO

Palacio do Vaticano 2 de julho de 1886.

Sua Santidade dignou-se conceder benignamente a Benção Apostolica, em harmonia com o pedido feito.

*G. Boccali.*

### A nossa recompensa

**E**stão satisfeitos os mais ardentes desejos de nossa alma! Depois de oito annos de lucta; depois de nos havermos occupado, durante dois mil novecentos e vinte dias, em pulverisar erros, em desmascarar infames calumniadores, em quebrar, na haste da cruz, os embates da impiedade, as vaias do garotismo engravatado, os desmandos de uma imprensa indigna d'um seculo que se chama das luzes; depois de tudo isto, eis que do alto do Vaticano, da cuspide d'essa instituição divina e secular, baixa benignamente a voz de Pedro abençoando-nos!

Que outra recompensa podia desejar quem se orgulha em chamar-se catholico? De que outro modo poderia o Senhor Deus mostrar o seu agrado, para com todos nós, humildes obreiros da civilização christã, os ultimos dos soldados, que combatem nas fileiras que contornam a Cruz?

A Benção Apostolica! E concedida pelos serviços prestados a Igreja em Portugal!

Estamos satisfeitos. Se tivéramos de enrolar a nossa bandeira, podíamos fazel-o com orgulho, porque a enrolavamos com a certeza de haver feito alguma cousa pela Igreja, pela verdade, por Deus, pela sociedade; e mais ainda, porque ao enrolal-a recebíamos o premio do nada que temos feito.

Mas não a enrolamos, a bandeira que ha oito annos tremula destemida em meio do jornalismo portuguez.

Não; antes com mais ardor entramos na lucta, com mais vontade empregamos o pouco que valemos, em defeza da Igreja de Jesus Christo e do Seu Vigario.

E como alcançamos uma tal graça? Como é que o Santo Padre, esse vulto gigante do seculo desonove, occupado com as grandes questões actuaes, se lembrou do pobre quinsenario, sahido d'este cantinho da península hispanica?

A maneira como nos foi concedida uma tal graça, como veem nossos leitores, redobra ainda o nosso contentamento.

Achava-se em Roma o Emmimentissimo Senhor Cardeal Patriarcha de Lisboa, e, fallando com o Santissimo Padre Leão XIII, lembrou-lhe o «Progresso Catholico», patenteou-lhe o que temos feito, que é nada comparado com os nossos desejos, e com os nossos deveres de catholicos, e pediu então, a

Santa Benção, como consta do extracto que na primeira pagina fazemos, da petição que por escripto S. Emc.º repetiu.

O Santo Padre concedera a sua Santa Benção benignamente, como consta do mesmo documento, cujo original conservamos emmoldurado luxuosamente, como o objecto que mais presamos, como a graça que mais ambicionavamos, como a mais digna remuneração a serviços feitos em prol da verdade.

Louvemos ao Senhor, e procuremos, redobrando de esforço, mostrar que bem merecemos a Benção Apostolica; e porque uma tal graça toca tambem a todos os leitores da nossa Revista, procurem tambem todos ser gratos para com o nosso Santissimo Padre Leão XIII, empregando todos os meios para propagar, divulgar, tornar conhecido o «Progresso Catholico»; leval-o a todas as partes, introduzil-o em todas as casas, fazel-o ler por todas as pessoas, porque o «Progresso Catholico» já agora, tem o cunho de periodico verdadeiramente catholico, porque foi abençoado pelo Vigario de Jesus Christo na terra.

A redacção.

## SECÇÃO RELIGIOSA

### A maçoneria... judaica

I

**M**UITO se tem escripto acerca da maçoneria; e comtudo ha este assumpto, tam inesgotavel como a iniquidade que constitue a sua essencia.

A respeito da sua origem, devidem-se os pareceres dos auctores. Uma obra notavel recentemente publicada, a *France Juive*, dedica à seita perversa um bom capitulo, em que procura «por em relevo o caracter inteiramente *semítico* da instituição» etc. O auctor expõe a sua opinião, que depois explana, nos seguintes termos:

«A origem judaica da maçoneria é manifesta, e os judeus nem sequer podem ser accusados de muita dessimulação n'esta circumstancia. Nunca objecto mais claro, com effeito, foi indicado sob allegoria mais transparente. Foi necessaria toda a ingenuidade dos arianos para não comprehenderem que, convidando-os para se unirem a fim de derrocar a antiga sociedade e reconstruir o templo de Salomão, os convidavam para segurar o triumpho d'Israel.»

Não é nova esta opinião; e lembranos de ter lido algures que o Grande Oriente é sempre um judeu, ha seculos

da mesma familia; que esta dignidade tem passado uma ou duas vezes a um ramo collateral; que não é conhecido senão de cinco judeus, que, com elle, formam a *loja secreta*, unica que conhece o famoso segredo; que cada um d'estes cinco se communica com seis outros judeus, e que estes trinta formam a primeira loja, *loja suprema*.

Havemos de fazer alguns extractos interessantes do alludido capitulo da *France Juive*; mas antes, e como premio, vamos reproduzir uma importante conta, ha annos publicada n'um periodico de Paris:

«Genebra, 12 de fevereiro de 1872. — Senhor: os antigos monarchas persas, e alguns outros mais, faziam-se chamar faustosamente *reis dos reis*, ou porque houvessem conquistado algumas provincias, ou simplesmente porque reinassem sobre vastos estados. Em nossos dias, um homem de mesquinha apparencia, que nunca cingiu a corôa, que nem sequer queimou uma escorva, podera com muito mais justa razão chamar-se assim!!

«Este estranho personagem tem um exercito de 10.500:000 homens, e ha pouco era até de 14.000:000. Todos, soldados e officiaes, se sustentam a expensas proprias, e subministram ao seu chefe desconhecido uma lista civil de 540.000:000 de francos por anno. Qualquer que visse esta magestade, tomal-a-ia por um pobre negociantinho quebrado. Comtudo os seus dominios são tam vastos, que nunca se põe o sol em todas as suas terras. Não se tracta aqui d'um monarcha romantico; é um soberano que não tem corôa, mas ao pé do qual os imperadores, os reis, Thiers e companhia não são mais que *fantoccini*, ou automatos que elle faz mover a seu talante. Se desejaes conhecel-o, eu voi-o mostrarei: posto que todos saibam o seu nome, ninguem o conhece.

«Vêde aquelle homem, que vae silencioso, e a quem nada exterior distingue da multidão que o acotovella, em dia de feira, nos passeios das ruas de Francfort. E' um dos milhares de filhos d'Abrahão, que toda a gente despreza. Esse judeu desdenhado, quasi mal vestido, tem visto a multidão dos christãos, mas aquella multidão que se diz illustrada porque frequentou outr'ora os collegios, e enche ainda o foro, as universidades etc., rojar-se a seus pés, e offerecer-lhe o tributo do seu ouro, e entregar-lhe a sua liberdade. Os ministros d'estado tem ido por sua vez prostrar-se ante elle, e os reis lhe tem lançado as suas corôas. Este personagem de exterior tam insignificante é o grande oriente da maçoneria; tem montes d'ouro diante de si; dirige os reis e os principes como seus escravos;

nem um d'esses soberanos que amassam o barro dos constructores do *Templo*, faz um movimento sem sua permissão, mas vê-se obrigado, quando falla o grande oriente, a fugir d'aquelles que são contra a vontade d'elle...

•Sim, *com vezes sim*, um judeu allemão com o nome de grande oriente, reina despoticamente sobre a Europa, e sobre boa parte dos outros continentes. Quem o suspeitará?...

•Um dos principaes segredos da maçonaria consiste em occultar aos profanos, e até aos seus proprios adeptos, o personagem que está investido d'aquella formidavel auctoridade. E' preciso que este segredo seja bem guardado por duas razões: a primeira é que, se o grande oriente fosse reconhecido como judeu, os christãos abandonariam as lojas; a segunda, que o grande oriente não poderia chegar ao seu fim, objecto do *grande segredo*, que não é conhecido senão de *outros cinco judeus*. E' o restabelecimento do reino de Israel, isto é, o estabelecimento do imperio judaico sobre as ruinas de todos os christãos. Eis ahí porque elle trabalha tanto em estabelecer o que se chama a fraternidade universal. Uma vez estabelecida, far-se-ia acclamar soberano ou protector d'ella, isto é, o despota mais duro, mais intoleravel que ainda existiu.

•Para chegar a isso, tem já o judeu andado muito caminho. Quizera elle que se proclamasse uma republica vermelha em França, e depois em Italia e em Hespanha. Neste caso, a Austria seria bem depressa asborvida pela Prussia. Alguns mezes depois, uma dôse de *agua toffana* a Alexandre, uma punhalada a Guilherme, e o judeu teria chegado aos seus fins, pela inepeia d'uns e cobardia d'outros.

•Francisco José foi desembaraçado do seu B. quasi contra sua vontade, pela influencia de algumas pessoas que queriam salvar o imperio: tinham-lhe feito aceitar um ministerio fiel e o homem do character, que certamente poria os negocios em bom andamento; o pobre príncipe não o soube conservar, lançou se nos braços d'outro que vale ainda menos que o primeiro.

•Um facto que prova o poder do judeu allemão, grande oriente da seita: alcançou de todos os governos que não deixassem ir os Bispos ao concilio, Deus não fez como os reis, não abdicou o seu poder em favor do judeu deicida nem de nenhum outro. Pôde permittir que a sua Igreja seja perseguida, que o seu Pontifice esteja preso, mas não permittirá que *as portas do inferno prevaleçam contra ella*.

Isto explica muito do que está succedendo, explica tudo. Ha uma conspiração permanente, vastissima, potente,

contra a sociedade christã, contra o catholicismo que é o seu mais firme esteiço. Quem é o motor d'essa infernal conspiração senão o *judeu*, o eterno inimigo de Christo?

Mas não antecipemos, e deixemos preciosos particulares para os artigos seguintes.

A. Moreira Bello.

### Dois frades perante o Papa, no seculo XIII

**E**M todos os seculos brilharam os frades por seu saber e humildade, e não foram os franciscanos e dominicos os que menos illuminaram o mundo, com seu saber e altas virtudes, como veremos do seguinte curioso artigo, que o nosso collega da *Ordem* publicou, sob o titulo de:—*O officio da festa de Corpus Christi*, e que nós transcrevemos para mostrar o saber profundo de um frade franciscano, e a humildade de um outro filho do Santo Patriarcha:

•Esta grande solemnidade da Igreja catholica recorda-nos um facto do seculo XIII mui pouco conhecido, mas que Mgr. Pailon, Arcebispo de Aix, deixou authenticamente comprovado.

Santo Thomaz de Aquino foi não sómente o auctor do *Pange lingua*, mas tambem de todo o Officio do Santissimo Sacramento que compoz em 1226 ou 1263. Aquelle hymno não é anterior a 1260, porque a festa de *Corpus Christi* não se fundou senão dous annos mais tarda e celebrou-se pela primeira vez em toda a Igreja, a 19 de junho de 1264.

Quando Urbano IV decidiu o estabelecimento d'esta festa, quiz que o Officio fosse composto pelos homens mais sabios e piedosos do seu tempo. Chamou á sua presença os dous grandes genios do seu seculo, o angelico Thomaz e o seraphico Boaventura e lhes disse:

—Irmãos, desejo restabelecer em toda a Igreja a maior e mais admiravel solemnidade: quero celebrar o sacramento de amor e de misericordia.

Immediatamente deu a conhecer o seu plano aos dous religiosos e ordenou-lhes que pozessem mãos á obra. Aquelles humildes e santos varões ficaram admirados da eleição do Pontice: quizeram escusar-se, mas foi em vão. Dentro d'um prazo determinado deviam submeter o seu trabalho áquelle que melhor que ninguem o podia julgar.

Thomaz e Boaventura apresentaram-se ao Papa no dia designado com a modestia no semblante e a desconfiança de si mesmos no coração.

—Começae, Fr. Thomaz, disse o Papa.

O Santo religioso leu as antiphonas das distinctas partes do Officio, lições e responsos, tudo tomado da Sagrada Escripura e maravilhosamente escolhido. O Papa Urbano guardava silencio: Boaventura não podia occultar um gesto de approvação, reprimido pelo respeito.

Thomaz lê o hymno de Matinas *Sacris Solemnis* e chega a esta admiravel estrophe:

*Panis angelicus fit panis hominum  
Dat panis celticus figuris terminum,  
O' res mirabilis! manducat Dominum  
Pauper, servus et humilis.*

Dos olhos de Boaventura corriam algumas lagrimas; debaixo do seu habito ouvia-se o rasgar d'um papel cujos fragmentos cahiam ao chão.

No hymno de *Laudes*, que mages-tade na sua primeira estrophe!

*Verbum supernum proliens  
Nec Patris linquens dexteram  
Ad opus suum exiens  
Venit ad vite vesperam.*

Quanta fé! Que suavidade e belleza n'esta estrophe!

*O' salutaris Hostia  
Que celi pandi ostium  
Bella premunt hostilia;  
Da robur fer auxilium*

*Qui vitam sine termino  
Nobis donet in patria.*

A admiração de Boaventura contentem-se com grande custo: pequenos pedaços de papel cahem do novo a seus pés.

A leitura da prosa parece fixar, sobre tudo, a attenção do Papa. Como sabio theologo encontra no *Lauda Sion* um tractado completo da mais sublime theologia sobre o mysterio eucharistico.

Thomaz concluiu pelo *Pange lingua*, cujas quarta e quinta estrophes compendiam o Sacramento de nossos altares.

Cessa de fallar... e o Papa, diz:—Agora vós, Fr. Boaventura.

O religioso prosta-se aos pés do Pontifice e exclama:

—Santissimo Padre: quando escutava a Fr. Thomaz, parecia-me ouvir o Espirito Santo. Só elle podia inspirar pensamentos tão bellos, revelados a meu irmão Thomaz, por graça especial do Altissimo. Confesso, Santissimo Padre, que julguei commetter um sacrilegio se tivesse deixado a

subsistir a minha pobre obra ao lado de bellezas tão maravilhosas. Vêde, Santissimo Padre, o que resta.

E o religioso mostrou ao Papa os fragmentos de papel que cobriam o pavimento.

O Pontifice admirou a modestia de Boaventura tanto como o genio de Thomaz.

Taes eram as grandes figuras da idade media, tão frequentemente injuriada: taes os Santos d'esta divina Egreja que civilisou o mundo, fazendo brilhar a seus olhos a verdadeira luz.

Já passaram seiscentos annos, e a obra admiravel de Santo Thomaz é o melhor adorno do Breviario Romano. A perpetuidade só pertence ás obras de Deus. Assim é que um poeta lén-do a estrophe quarta do hymno *Verbum supernum*:

*Se nascens dedit socium,  
Convalescens in edulium,  
Se moriens in pretium  
Se reguans dat in premium,*

exclamou n'um transporte de admiração:

Daria todas as minhas obras pela gloria de ter feito estes quatro versos.»

## SECÇÃO SCIENTIFICA

### O suicidio

**O** suicidio é a acção pela qual o homem dá a morte a si mesmo para se livrar d'um mal que não tem coragem de suportar. Em nossos dias o abuso da philosophia chegou ao extremo de querer fazer a apologia d'este crime. Partindo dos principios do atheismo, muitos incredulos teem affirmado que o *suicidio* não é prohibido nem pela lei natural, nem pela lei divina positiva, que parece até approved por varios exemplos citados nos livros sagrados, pelo valor de muitos martyres, e pelos elogios que lhe fizeram os Padres da Egreja. Devemos, pois, demonstrar a falsidade de todas estas allegações.

#### I

O *suicidio* é contrario á lei natural.

1.º Só Deus é o auctor da vida, só elle tem direito de dispor d'ella; e por mais que digam os raciveinadores atrabilarios, esta verdade é um beneficio. Sentimol-o pelo horror natural que temos á nossa destruição, e pelo instincto natural da nossa conservação. E' n'estes dois

factos que se funda o direito que temos de defender a nossa vida contra o aggressor injusto, e de tirarlhe a sua se não podermos d'outra maneira salvar a nossa. Desafiamos os apologistas do *suicidio* a que conciliem o direito da justa defeza com o pretendido direito de tirarmos a vida a nós mesmos quando quizermos.

2.º Deus não nos deu a vida só para nós, mas para a sociedade de que fazemos parte. A mesma lei natural que impõe á sociedade o dever de velar pela conservação de todos os membros que nascem no seu seio, prescreve a cada um d'esses membros a obrigação de lhe prestarem os seus serviços, e de contribuirem tanto e por todo o tempo possivel para o bem geral da sociedade. N'esta obrigação mutua consiste o pretendido *pacto social* imaginado pelos nossos philosophos, mas não são os homens que a formaram por uma vontade livre; Deus, auctor da natureza, é quem estipulou para elles no momento em que nasceram, ou antes no momento da creação. Em vão se diz que um desgraçado é um membro inutil e um pezo para a sociedade; não é assim; quando elle não servisse senão para dar exemplo de paciencia, serviria para muito, e não ha nada que o possa dispensar de dar esse exemplo.

3.º Que é a *virtude*? Segundo a energia do termo, é a força d'alma. Se o homem não quer ou não pode soffrer nada, de que força, de que virtude é elle capaz? Diremos que pela lei natural o homem está dispensado de ter virtude? Não eram d'este parecer os estoicos; estes pensavam que o homem sem virtude não era homem, e está demasiado provado que de todas as virtudes a paciencia é a mais necessaria. Em verdade aquelles philosophos estavam em contradicção exaltando por um lado a dignidade do homem a braços com a dôr e que se mostrava superior n'essa especie de combate, e por outro lado louvando a coragem dos que se suicidavam para se subtrahirem á dôr ou á pena de não se terem saído bem d'alguma empreza. Esta só contradicção deveria ser mais que sufficiente para abrir os olhos aos nossos raciocinadores modernos.

4.º Declamam contra todas as instituições que parecem prejudicar a população; é por isso que elles fizeram e fazem tantas dissertações contra o celibato; ora, este é certamente menos contrario á população que o *suicidio*. Ha mais dam-

no para a sociedade em perder um homem feito, que está actualmentemente em estado de a servir, do que em ficar privada de algumas creanças que ainda não existem, e de que a maior parte pereceriam antes de chegar á idade viril. Segundo a observação d'um deista, desde que um homem está fóra de si e desesperado a ponto de tirar a vida a si mesmo, é senhor da vida de outro, por mais acautellado e seguro que este possa andar.

5.º Um proprio incredulo met-teu a ridiculo os motivos pelos quaes os insensatos dos nossos dias teem o costume de renunciar á vida. «Os Gregos e os Romanos, diz elle, matavam-se depois da perda d'uma batalha, ou n'um desastre da patria ao qual não viam remedio. Nós suicidamo-nos também, mas quando perdemos o nosso dinheiro, ou no excesso d'uma louca paixão por um objecto que não vale a pena, ou em um accesso de melancolia (1).»

É com effeito, os nossos papeis publicos teem dado conta da multidão de *suicidios* praticados no nosso seculo; apenas haverá um que não tenha occorrido mais ou menos tempo depois da libertinagem a que o suicida se abandonara. Os mesmos periodicos teem mostrado os tristes effeitos produzidos pelas diatribes absurdas e principios suicidas dos nossos philosophos; não é um trophee muito honroso para a philosophia moderna.

6.º Os mais sabios dos antigos philosophos, Pythagoras, Socrates, Cicero, condemnam o *suicidio*, como um crime, como uma rebelião contra a Providencia (2). Se os epicureistas e o commum dos estoicos pensaram de diferente modo, é porque não admittiam a Providencia. Mas é falso que Epiclete fóra do sentimento d'estes ultimos, como se disse ao darem-nos a moral de Seneca. Epiclete estabelece principios directamente contrarios (3).

Deveriamos dar a todas estas provas o desenvolvimento que ellas pediriam, mas julgamos sufficiente indicial-as.

P.º M. J. G. P.—V.

(1) Questão sobre a Encyclopædia; De Catão e do Suicidio.

(2) Theologia pagã, 1.º 2, p. 316.

(3) Manual, § 25, 12, etc.; novo Manual por Ariano, l. 1, § 8 e 38; l. 3, § 42; l. 4, § 38, etc.

## SECÇÃO CRITICA

## As Ordens religiosas

**V**ão passados mais de 50 annos, são ruínas quasi todos os conventos, deve estar gasto de ferrugem já o punhal que os sicarios da Revolução imaginavam escondido na manga do frade, e, apesar de tudo, faz-se uma bulha atreadora, sempre que uma mulher, despindo á portaria do convento as gallas do seculo, entra com passo firme e com decidida vocação em qualquer Ordem religiosa!

Não ha muito que fora motivo para as lagrimas dos revolucionarios portuguezes a entrada no convento de uma filha do nobre Visconde de Alemtem, e agora, porque uma outra senhora, da mais alta aristocracia do reino, e de uma familia de verdadeiros sentimentos catholicos, se desprendeu das pompas e commodos que dá uma fortuna, e, caida aos pés da Cruz, se abraçou n'ella, como a ancora de salvação no encapelado mar da vida, eis que novas lamentações se escutam, eis que de todos os redutos da imprensa da Revolução se levantam gritos de alerta, eis que o proprio snr. das Chagas, no seu papeluxo, estende liberalescas jeremiadas, conspirando-se contra os *seductores*, contra os *espiritos das trevas*, que roubaram a uma familia tão respeitavel um dos entes que mais presava.

Uma filha da Exc.<sup>ma</sup> Condessa de Castro Marim, entrou no convento ou collegio das *Inglesinhas*, a contento de sua mãe, que a acompanhou ao claustro. Foi isto o bastante para os berros desesperados dos desesperados mata-frades. Depois surgiram as calumnias, as mentiras, os juisos formados por esses amigos *dedicados* da familia, por esses *respeitadores* da honra das filhas, por esses *propugnadores* da virtude!

Não se dizia a causa verdadeira, não se apontava o que motivara a resolução da nobre senhora. porque essa causa, porque esses motivos exalçavam a distincta aristocrata, elevavam-n'a ao lugar dos heroes, e nas cafúas d'onde irromperam os gritos de *do!* lancinante, não se conhece sentimentos elevados, é mentira o heroismo.

A nobre filha da Condessa de Castro Marim, educada nos principios religiosos, filha dedicada da Igreja, quando ferida pela adversidade, foi, no regaço da Igreja, re-

clinar a frente e só ahi achou conforto, só ahi achou forças para arrotar com a dor que lhe oprimira o coração. Promettida em casamento a um cavalheiro respeitavel e que ella, a vergontea virtuosa de Castro Marim muito amava, quando a morte lh'o roubou, antes de a elle se unir pelos laços matrimoniaes, foi desde logo intento seu, morrer tambem para o mundo. E assim o cumpriu!

Mas não agradou um tão nobre proceder aos especuladores da imprensa, porque uma tal noticia não fez ruido nos seus arraiaes. Se a nobre dama, lancinado o coração, se não lembrasse de Deus, não soubesse acolher-se á sombra benéfica da Religião, e, desesperada, esquecida da vida eterna, se precipitasse da mais alta janella do seu palacio, isso sim que era heroismo! isso sim, que seria apregoado pelo garotismo nas ruas da capital! isso sim que era um escandalo! e o escandalo e a desgraça alheia é o prato favorito do jornalismo atheu!

E não só o escandalo lhe agrada, mas repugna-lhe o habito monastico, a estes successores dos que enriqueceram á custa da espoliação feita aos frades, dos que pagaram os bens dos conventos *com os roes de indemnisações por perdas e sacrificios da guerra, — papeis estravagantes, contas onde gran-capitães chegaram a sommar por centenas de milhares de reis as ferraduras perdidas de cavallos mortos* (1).

Causa-lhe medo o habito da freira, que ella, professe ainda lá fóra, longe da Patria, (porque a Patria é liberal, e o liberalismo não tolera que ninguem esteja preso) porque receiam, que essas formosas dedicações voltem ao reino, e lhe seja dado algum convento a extinguir-se, e que a cubiça de algum ricaço espreira de ha muito, para *libertar as ternas avesinhas, que o fanatismo peára em seus vôos*, não se lembrando de que

«Quem liberta captivos de vontade, Livres opprime então!» (2)

Morte á ultima freira! é o grito dos revolucionarios em Portugal, e seu desejo seria tambem exercer tão grande oppressão nas consciencias, como grande foi a espoliação nos haveres dos frades e das freiras; mas as consciencias, porém, estão a cima das determinações dos antros escuros onde as travessuras infernaes se exercitam, e por isso ha de haver freiras e frades tambem, porque vós, que saqueaste o con-

vento e apunhalaste o frade, não deste ainda ao pobre o pão do convento, nem á mocidade o ensino do frade. A caridade e a instrucção reclamam o frade, e o frade hade voltar.

Podeis estar satisfeitos com a vossa obra, deixae agora que renasça o convento de suas ruínas. Os famintos a quem enriqueceste foram saciados, com o que faltou ao pobre, como diz o escripto já citado:

*Silva Carvalho esfregava as mãos satisfeito, vendo a sua clientella numerosa e farta; e o rubro Aguiar socegava: os frades não voltariam, porque os «herdeiros» dos seus haveres os haviam de defender com a tenacidade do egoismo* (3).

E defenderam, e defendem ainda hoje pelos seus órgãos na imprensa, desacreditando os frades, rindo das virtudes das Desposadas de Christo, lançando á publicidade trinta mil calumnias em descredito dos conventos, e chorando, como agora, o abandono em que a filha deixa a mãe!

Mas tudo isto, já se entende, é para que os frades não voltem, é para que a rubra cor dos Aguiares d'agora se não mude em palidez cadaverica, é para que o reinado da paz, da caridade, da virtude, do saber se não restabeleça, para que não se perca a liberdade da ascensão, para que não tombe do seu ensanguentado pedestal a estatua da liberdade, levantada ha meio seculo ao estroado dos conventos que se esboroavam, e das descargas de fusilaria com que se assassinavam os filhos do claustro.

E' vasto o campo, dá para muito; continuaremos.

Elias de Sampaio.

Coisitas!

(AO CORRER DA PENNA)

**C**ONIMBRICENSE trazia, ha tempos, um *artigosito*, commemorando o despotico, impio e *subtraidor* decreto, que extinguiu em Portugal, as Ordens religiosas.

Alli era elogiado, elevado ás nuvens e glorificado o ministro—Joaquim Antonio de Aguiar, — bem conhecido pelo epitheto de—*Mata-frades*.

O tal *artigosito* era assignado por Joaquim Martins de Carvalho, como costuma ser qualquer meia duzia de

(1) Oliveira Martins—*Portugal contemporaneo*.

(2) João de Lemos—*Saudades do Claustro*.

(3) Oliveira Martins—*Portugal Contemporaneo*.

linhas, que no mesmo jornal se publicavam.

O sr. Carvalho, bem conhecido pelo epitheto de *homem das collecções*, applaude a energia, o rasgo e a audácia, que teve o tal *Mata-frades*, para acabar com os conventos n'este reino, chamado *fidelissimo*. E acha, que o tal ministro ainda é mais digno de elogios pela illegalidade do tal decreto. E bem illegal foi, porque, sendo o *concelho de Estado* de voto, que as ordens religiosas se conservassem (posto que com algumas reformas e restricções), o mesmo Aguiar foi á *typographia*, onde era impressa a «Folha Official» de então, e n'uma noite fez compôr e imprimir o *celebre decreto* e o não menos *celebre relatório*, que o precedeu. E d'esta maneira, na manhã do dia seguinte appareceu publicado o decreto, que, d'um só golpe, extinguiu as ordens religiosas e tirou os haveres a centenas de individuos, que ficaram sem casa e por muito tempo, quasi sem pão. Alguns d'elles foram espancados, e pelo livre punhal, alguns foram mortos, soffrendo outros muitos vexames, insultos e perseguições *só pelo crime de serem frades!*...

\* \* \*

E para que foi tudo isso? Para que foi esse ataque ao direito de propriedade, á religião e a todos os principios humanitários?

Para se locupletarem certos *figuranças*, comerem bem e beberem melhor, pagarem-se certos serviços feitos á *liberdade*, mas *liberdade de funil*; isto é, liberdade só para elles, para os grandes, para os membros de certas *associações*, que prégam liberdade, mas dizem entre si, «que esta é só para elles, porque ao povo, (a quem chamam *arrastar miúdo*), é preciso contê-lo, dar-lhe para baixo, esmagal-o, não o deixar levantar a *grimpá*».

Esses *taes figurões*, amantes da *liberdade de funil*, que não querem conventos, mas querem os bens d'estes, dizem dos que julgam acima d'elles, «que é preciso *amarrotar-lhes os preguiinhos*, tirar-lhes o prestigio, abatel-os, para que os *fidalgos* desçam ao nível do povo.

Esses, que hoje prégam democracia e liberdade, querem aquella para os que estão acima d'elles, e esta só para si. Dizem-se democratas, gritam contra a nobreza, esbravejam contra a *altivez dos fidalgos*, que fallam da nobreza de seus antepassados. E, no entanto, esses *democratas* envergonham-se dos parentes pobres e de que se lhes falle nos ascendentes e no que eram ainda ha pouco; aceitam titulos, commendas,

condecorações, cartas de conselho e tudo o que os distinga; só fallam d'este ou d'aquelle seu parente, (ainda que o seja por afastada afinidade), comtanto que seja titular, commendador ou conselheiro; não querem *filalguias*, mas envergonham-se de fallar e viver com os que não são engravatados e entendem que não fica bem á sua *elevada posição social*, o levarem na mão um qualquer embrulho, uma saqueta ou qualquer objecto.

\* \* \*

Mas deixemos estas considerações e voltemos a fallar de conventos.

O tal sr. *Martins do «Conimbricense»*, trazia ha tempos, no seu jornal um «Rol das propinas que os habitantes da freguezia de Figueiró do Campo (concelho de Soure) eram obrigados ou costumavam pagar annualmente ás freiras do convento de Celas, suburbios de Coimbra».

O tal sr. do «Conimbricense» faz lembrar, com isto, aos povos o quanto lhes eram prejudiciaes os conventos, o quanto lesavam os seus interesses, ou, fallando mais popularmente, o quanto *chupavam* ou *chuchavam*.

Previno assim os mesmos povos, para que se opponham sempre á restauração dos conventos, porque estes comem tudo e não lhes deixam nada.

E fazendo grande chacota das freiras, pergunta se o mel, os perús, e os ovos, tudo isso era para *penitencia*.

O sr. do «Conimbricense» não quer que as freiras comam, visto terem de fazer *penitencia*, basta que só elle e os amantes da liberdade de funil, mesmo sem fazerem penitencia, (isso já se não usa), comam bem, almocem os seus beefs, jantem á grande, tenham bons petiscos e bebam do fino.

Tudo isso n'elles é virtude.

As freiras, porque comiam, eram umas grandes criminosas e gente digna de ser fuzilada.

Assim o entende o sr. do «Conimbricense» e tanto que louva e applaude o decreto, que concorreu para matar á fome alguns habitadores e algumas habitadoras dos mosteiros.

\* \* \*

O tal sr. *Martins* falla d'essas *propinas*, mas não diz nem trata de indagar a origem d'ellas nem as obrigações, a que estava sujeito aquelle convento, para com os povos, que lhe pagavam as mesmas *propinas*.

Se isso era um roubo, no mesmo caso estão os fóros, e estavam os *censo*s, as *pensões*, e estão hoje as *rendas*, que recebem certos proprietarios.

São, de certo, o resultado de um *contracto bilateral*, como poderia acontecer, se o sr. Joaquim M. de Carvalho vendesse a *typographia* e a propriedade do «Conimbricense», ficando o comprador e seus herdeiros com a obrigação de dar ao vendedor e seus descendentes uma certa verba ou verbas annuaes.

E, quando as pensões, que alguns conventos recebiam, fossem simples e espontaneas *doações regias*, de certo que algum motivo, fundamento, razão ou causa plausivel teria dado origem a isso.

\* \* \*

No entanto, bem podiam subsistir os conventos, mesmo sem essas *propinas*, sem certos *privilegios*, e sem alguns dos rendimentos, que o governo entendesse não lhes pertencerem. E a prova d'esta asserção é que muitos conventos de freiras, já depois de 1834, continuaram a subsistir, posto que privados de certas rendas, *propinas*, *censo*s, pensões e *privilegios*. E continuariam a subsistir, se o governo não usasse da *sophistica lei*, que prohibiu as *profições* e não tratasse de ir extinguindo alguns, mesmo ainda antes de morrer a ultima freira!

Parece-nos, porém, que podiamos appostar uma coisa, sem receio de perdermos.

Supponha-se que o governo publicava um decreto, determinando, pouco mais ou menos, o seguinte: que, attendendo aos merecimentos, *serviços*, e *mais partes*, que concorrem na pessoa do sr. Joaquim Martins de Carvalho, proprietario do «Conimbricense», as *propinas*, que recebiam, até 1834, as freiras do mosteiro de Celas (ou de outro qualquer) fossem d'ahi por diante recebidas e gosadas pelo mesmo sr. Joaquim Martins de Carvalho e seus descendentes até á segunda, terceira, quarta ou *vegesima geração*.

Se tal acontecesse, talvez podessemos ter a certeza, de que o sr. do «Conimbricense» não havia de gritar contra *taes propinas*, havia de achar pouco para os seus *serviços e merecimentos*, havia de dizer, que os povos da freguezia de Figueiró do Campo (ou d'outra qualquer) ainda lhe deviam mais, e havia de dizer outras coisas em defesa dos seus interesses, considerando-se tão benemerito por aceitar aquellas *propinas*, como dignas de censura e perseguição eram, por tal motivo, as freiras de Celas.

(Continúa.)

Um Catholicico.



SALOMÃO LÊ NO CORAÇÃO DA MULHER

## SECÇÃO LITTERARIA

## No baptisterio

O olhar meigo e bigode bem tratado,  
nobre sangue o padriho denuncia;  
E era sereno, quando o infante erguia,  
sobre a urna de marmote lavrado.

No chapeo rendilhado da madrinha,  
tremia de lilaz um ramo em flor;  
e ella ria, estendendo com amor,  
a mão pequena, sobre a creancinha.

Esta lembrava um raio, que o sol desprenda,  
e de incenso, entre nuvens, vá quebrando;  
ou um botão vermelho fluctuando,  
entre vagas de espumas e de renda.

E o levita, que aos céos, o olhar volveu,  
levanta tremulo a enrugada mão;  
e, ao desatar os labios, um christão,  
surgirá, como flôr, que á luz rompeu!

Quando os cabellos o crystal repassa,  
a creança gentil e lacrimosa,  
agita as mãos, pequenas, cor de rosa,  
sentida o sopro electrico da graça!

1883.

*Matos Ferreira, Prior em Cintra.*

## Cantico da manhã

(VERSÃO)

Eis que o dia apparece!  
O sol colore o céu de vivo esplendor!  
Lancemos para longe a sombra que escurece  
nossa alma atrelada ao vicio enervador.

A luz pura imitemos  
do astro que no azul a carreira inicia.  
Inimidade eterna á mentira juramos  
e que a verdade seja em tudo a nossa guia.

Passe o dia innocente.  
Os olhos, mãos e lingua sem culpas starão.  
Tudo casto em nós seja; e um freio resistente  
os sentidos subjeite ás normas da razão.

Do alto, onde demora,  
Deus sempre nos vigia, attento o caminhar.  
Como PAE nos observa e ouve a toda a hora,  
sem que a mais densa treva nos furte ao seu olhar.

Formiga.—1886.

*Dias Freitas.*

## A irmã da Caridade

QUANDO vemos uma creatura  
abandonar as riquezas, os prazeres  
e tudo quanto n'esto mundo é attraente  
ao coração humano, para se cobrir com um habito preto  
e ir habitar uma casa onde os ares

pestiferos que envenenam o peito são aspirados, sem duvida diremos que é um anjo da terra que vai consolar o triste, que ancoia pela sua assistencia, e assim seguir o caminho do Céu. Essa desvêllada mulher desde logo calca os bens terrestres para abraçar a sublime virtude da caridade, exercendo no azylo dos infelizes empestados as mãos caritativas obras.

E ainda na flôr da idade desvanecido do seu coração todos os galanteios, e segue a honrosa senda da perfeição para pôr em pratica a elevada virtude de quem ella quer ser irmã gemea.

N'essa idade, em que tudo são flores e em que tudo indigita felicidades, ella vai espontaneamente, e sem pejo algum, tratar carinhosamente os enfermos que a maior parte das vezes estão apoderados de molestias contagiosas, em frente das quaes nenhuma ainda ousou trêpidar.

E' assim que esses entes queridos permutam todas as felicidades, que na terra nos illudem pela espinhosa mas santa missão que tem em vista. Só lhe apraz embalar o orphãosinho gemebundo; detergir as chagas aos infelizes azylados, para que em breve tempo sejam radicalmente curados; e a adoçar lhes a afflicção insupportavel.

E' ella que está espargindo sempre por sobre a cabeça d'estes desgraçados os raios da mais ardente caridade; é ella que vela a seu lado avisando-lhes as dores e afflicções, quando ançeião entre as sombras da morte; é ella, finalmente, que adita a sorte infeliz da triste natureza do homem. Jámais a sua casta imagem onde só transluz bondade e affectos será apagada do coração d'aquelles miseros, que a viram quasi sempre á seu lado para os consolar. Só a presença d'essa santa mulher parece abrandar-lhes a acerba dor em que estão mergulhados.

Muitas vezes o seu exemplo moral tem salvado entes já conspurcados pelo vicio, e as suas palavras animadas pelo fogo divino os tem desviado da vereda da impiedade!...

E em vista d'isto os atheletas da fé não deixam jamais de combater os seus inimigos rancorosos que por serem impios se horrorisam de ouvirem ou pronunciarem o aureolado nome d'essas almas candidas.

Salvé!... IRMÃS DE CARIDADE!

Villa Nova de Famalicão—Agosto de 86.

*J. Vellozo.*

## GRACIA

## OU A CHRISTÃ DO JAPÃO

CAPITULO XVI

*O militar christã**(Continuado do n.º anterior)*

REGENTE, disse Justo com tanta naturalidade como singelleza, chamou-me para pôr-me ao facto d'uma medida, que ha resolvido adoptar contra os missionarios, e certificar-me de que nada intentava contra os christãos japonezes, que se limitarão a praticar occultamente sua religião. Propugnei a favor dos missionarios libertando-os das calumnias que lhes imputavam; defendi acalorada e energicamente o direito dos christãos em praticar sua religião tão publicamente como a praticam as infinitas seitas que seguem as japonezas. Faxiba respondeu-me; que razões d'Estado o impediam; depois prommetteu-me, eu sei lá o quê, se apostatasse ou ao menos se deixasse de defender aos christãos com tanto empenho e ardor e não os animasse com meu exemplo. Respondi-lhe indignado, que o meu dever de christão m'o prohibia, e que longe de consentir em semelhantes iniquidades, nem aparentar sequer o dissimulal-as, preferia quebrar minha espada e retirar-me para minha casa. Estas palavras sobreexcitaram fortemente o odio de Faxiba, que exclamou: «Nem eu quero ter d'estes servos, prescindindo bem d'elles: demitto-te de todos os teus cargos, ordeno-te que to ausentes, quanto antes da Côte, e que vás não para tua casa, mas para a ilha de Junogima e ahi te demores até segunda ordem.» Ao ouvir isto fiz-lhe uma reverencia e aqui me tendes a caminho do exilio.

—Invejo-te a sorte em seres o primeiro a padecer pela fé, exclamou Simão Condera.

—Brevemente vos tocará tambem, respondeu Justo, e dirigindo-se para Constantino acrescentou: Principe, vosso santo pae tinha razão; os tem, pos da perseguição avisinham-se; conservai-vos firme e recordai-vos de seus conselhos.

Constantino, porém, nada respondeu. Pensava só no que Jakuin lhe havia dito. A perseguição, so lhe apresentava por um lado, o favoritismo do regente, e o engrandecimento de seus Estados por outro. Reflexionou um pouco, e depois, como quem não precisa dos conselhos de ninguem, disse com affectada gravidade:



—Sinto immenso vossa desdita, capitão; mas só a vosso excessivo zelo deveis imputal-a.

Justo fitou com lastima o principe, e soltando um «Deus te guarde» que attenta sua prudencia podia traduzir so por «estás perdido» despediu-se dos outros seus amigos e sahio da antecâmara.

A' porta encontrou se com Jakuin, que voltava esfregando as mãos de contente. Ao vel-o sentiu Justo uma especie de calefrio, e talvez até sentisse tentações de estrangulal-o, a julgar pelo esforço que fez para se apresentar serêno. Não pô le, todavia, deixar de agarral-o por um braço e dizer-lhe, indigitando-lhe o ceu.

—Existe alli um Deus justo, que castiga com penas eternas e terriveis os inimigos do nome de Christo. Não o esqueçais, senhor Jakuin.

Então o medico arrojou para longe a mascara com que se disfarçava, e logo em confuso tropel lhe acudiram ás faces os vis e baixos sentimentos que occultava dando-lhe um aspecto indescritivel. O odio, a colera e o prazer assomaram-lhe successivamente aos olhos; foi, porém, instantaneamente, porque ao ver retirar-se Justo, tornou á sua habitual serenidade, e entrou na habitação dizendo:

—Alli não sabemos o que haverá; mas o que ha aqui é um Regente, que faz tudo o que eu quizer.

—Senhor Jakuin, disse Constantino ao vel-o, não esqueçais minhas pretensões e dizei ao Senhor que estou disposto a obedecer a todas suas ordens.

Este *todas* foi para o favorito a compensação do desgosto que acabava de dar-lhe Justo; porque esta unica palavra o pôz ao facto de tudo o que se passava pelo animo do principe e o alegrou como deve alegrar-se Satanaz quando vê perder-se uma alma.

*Versão do padre Lima.*

(Continúa)

## SECÇÃO ILLUSTRADA

I

Salomão lê no coração da mulher

**D**EPOIS que Salomão, o grande rei de Israel, terminou a sua missão como guerreiro, dedicou-se ao difficil officio de rei, e proveu os seus estados de todo o necessario.

O templo que fez edificar em Jerusalem foi uma prova da sua grande-

za, e a sentença dada quando duas mulheres se apresentaram disputando a posse de uma creança, uma prova foi da sua alta sabedoria.

Dois mulheres se apresentaram diante do rei, e lhe disse uma d'ellas, que a outra, tendo abafado nma creança recém-nascida, que com ella dormia, a fôra collocar de noite na sua cama, e lhe tirara a sua, que estava viva. A outra mulher protestava o contrario, o que pôz em grande embaraço o Rei.

Salomão, porem, assistido do celestial espirito, pôde ler no coração das duas mulheres, e pediu a um dos seus officiaes que cortasse com uma espada a creança viva, e desse metade a cada uma das duas mulheres.

Como uma se prostrasse aos pés do Rei, supplicando que não partisse a creança, mas antes que a desse toda á sua inimiga, e rogando a outra, que sim, se partisse a creança e que cada uma ficasse com a sua parte, Salomão logo conheceu que a que não queria se partisse a creança é que era a propria mãe d'ella, ordenou que lhe fosse dada:—*Date huic infantem vivum, et non occidatur: haec est enim mater ejus.* (1)

A nossa gravura representa admiravelmente a scena. O official do rei prompto a tomar a tenra creancinha para executar as ordens superiores; a mãe desnaturada offerecendo de bom grado o filhinho, que não era seu, representando, tantos seculos distante, essas infamissimas mães, que expõem no lagêdo das ruas o fructo de suas entranhas; e a outra, a pobre mãe, a verdadeira mãe, segurando n'um dos braços o filho morto, que a sua rival lhe metera no leito, supplica, implora do rei que lhe dê a creancinha, e estendeu-lhe o outro braço para a estreitar ao seio materno.

Bons tempos em que os povos iam aos pés dos reis pedir justiça, e os reis a faziam, sem gasto de papel sellado, e sem terem os povos de passar atravez uma cohorte de cortezães e camaristas emplumados.

E' certo que então os reis não conheciam a moderna phrase:—*sou rei constitucional*.....

R.

## SECÇÃO NECROLOGICA



**E**STÁ de luto o Exc.<sup>mo</sup> e Revd.<sup>mo</sup> Sr. Bispo d'Olinda, D. José Pereira da Silva Barros, pelo fal-

lecimento de seu estremecido pae, o capitão Jacintho Pereira da Silva, que havia nascido em Taubaté no mez de abril de 1805, contando por tanto 81 annos.

O Centro de Propaganda Catholica em Portugal, e a Redacção do «Progresso Catholico», que tantos favores devem ao illustrado, virtuoso, e digno successor do grande Apostolo brasileiro, D. Frei Vital, para nós e para os bons filhos do Brazil, de saudosa memoria, não podem esquecer a dor que ora dilacera o coração de S. Exc.<sup>a</sup> Revd.<sup>ma</sup> e por isso, fazemos transpôr os mares a expressão sincera do nosso pesar, beijando reverentes, em espirito, o anel sagrado do Venerando Prelado olindense, e pedimos a todos os nossos leitores as costumadas orações como suffragios por alma do illustre finado.

Um dos mais dedicados amigos do «Progresso Catholico», seu leitor e propagador desde o principio, deixou a terra no dia 11 de julho para voar á eterna Bemaventurança, a receber o premio do muito que fez pela Religião santissima de Jesus.

O Padre Venancio da Costa Oliveira, de Carmões, já não existe, e não existe, por isso, um forte sustentaculo da nossa Revista, no concelho de Torres Vedras.

As suas virtudes, o seu amor pelas glorias da Igreja, demonstram-se pelas disposições que fez: Legou á obra da Propagação da Fé, 300\$000 reis, á de Santa Infancia, 100\$000 reis, e aos pobres da freguezia 100\$000 reis.

Allivio dos desvalidos em vida, não se esqueceu d'ellas na hora ultima, e por isso não lhe faltarão as orações de todos, nem as dos leitores do «Progresso Catholico» a quem pedimos uma prece fervorosa por alma do sacerdote digno, e a sua familia, e com especialidade a seu sobrinho e herdeiro, patenteamos o nosso fundo pesar.

Outro amigo fallecido, outro nome riscado d'entre os primeiros assignantes do «Progresso Catholico».

Falleceu ha dias n'esta cidade, o Sr. Francisco do Valle Guimarães, respeitavel ancião, e fervoroso catholico, ha muito preso de pertinaz molestia a que afinal cedeu, tendo os officios funerarios na egreja da Misericordia.

Associando-nos á pena que ora punge o coração de suas filhas, a quem damos sentidissimos pesames, pedimos ao Senhor tenha em santo lugar a alma do nosso bondoso leitor, e imploramos para isso as orações de todos os que ficamos n'este valle de lagrimas.

(1) Reis. III, IV, 27.

Está de luto a veneranda phalange das Irmãs Hospitaleiras em Portugal.

No dia 24 do passado agosto, pelas duas horas da tarde, no convento do Mocambo, em Lisboa, falleceu a Irmã Maria da Pureza, victima de uma longa molestia, que ella supportára com a mesma santa coragem com que deixára o mundo, os affagos da familia, para se acolher nas pregas do habito do Seraphim d'Assis.

Como sabem morrer os justos, assim morreu a Irmã Maria da Pureza, achando resignação na esperança de ir no ceu contemplar a magestade de seu Divino Esposo, Jesus Christo.

Fôra superiora do Collegio de Monte Alvão, d'onde saiu para Mocambo, onde a morte a roubou ás suas Irmãs, que hoje choram por não estarem com ella entre os anjos seus companheiros do ceu.

Oremos todos por alma da Irmã Maria da Pureza, da Irmã da Caridade, que, como todas as Irmãs, havia morrer victimada pela dedicação, pelo amor, pelo ardente desejo que todas teem de se sacrificarem, de se darem todas ellas pelos outros, de não descansarem se não quando o corpo, extenuado, verga ao peso de muito trabalho, como a plantasinha mimosa cede aos embates da tempestade.

Oremos pela Irmã da Caridade, por que a Irmã da Caridade passa a vida aspirando o ambiente miasmático dos hospitaes, dedica-se á educação das creanças, expõe se aos ardentes raios do sol africano, tudo pelos seus irmãos infelizes, tudo em nome de Jesus, tudo com a mira nas eternas recômpensas.

Extraordinarias dedicações!

Oremos pela alma da Irmã Maria da Pureza, e que ella seja medianeira nossa, junto do throno do Altissimo.

A todas as Irmãs a manifestação sincera do nosso pesar.

Foi fertil esta quinzena em noticias tristes.

Outro amigo enlutado, outro leitor do «Progresso Catholico» envolto nos crepes da dor, orvalhando de lagrimas uma campã.

O Rev.<sup>mo</sup> Snr. Padre José Pereira Duarte, Vigario na Ilha do Fayal, acaba de perder o que mais lhe havia de custar—sua mãe.

Acompanhando S. Rev.<sup>mas</sup> na pungente dor que ora lhe opprime o coração de filho, enviamos-lhe sentidissimos pesames, e esperamos que dos labios de todos os nossos leitores saiam preces por alma da finada senhora.

Ainda outro amigo a quem temos

de mostrar o nosso pesar pela perda que acaba de soffrer.

Com a morte do Exc.<sup>mo</sup> Dr. José Bento Lucas de Sequeira, verdadeiro catholico de Idanha a Nova, cobriu-se de luto um dos nossos mais prestimosos amigos, o Exc.<sup>mo</sup> Snr. Adriano Pedroza Barreto, digno Escrivão de Fazenda em Boticas, porque era cunhado seu o cava heiro fallecido.

Pedimos mais um P. N. e A. M. por alma do fallecido e do fundo d'alma nos associamos ao pesar do nosso bom amigo.

## RETROSPECTO DA QUINZENA

**E**STEVE em Guimarães e honrou-nos com a sua visita o Rev.<sup>mo</sup> Snr. P.<sup>o</sup> José Joaquim Fernandes da Costa, assignante e amigo da nossa Revista, a quem agradecemos tão distincta honra.

Estando em Guimarães, por occasião de vir fazer as praticas ás Filhas de Maria e ás Associadas do Coração de Jesus, fez-nos a honra de visitar nos o Rev.<sup>mo</sup> Snr. P.<sup>o</sup> Carlos Gouveia, illustrado Jesuita, residente em Braga.

São de uma caridade todos os nossos governantes, que faz pasmar! Ou sejam regeneradores, que nunca se regeneraram, ou sejam progressistas, que só progridom no mal e nas desgraças que causam á nação, teem muita caridade com as suas bolsas e pessoas, ainda á custa da miséria e das lagrimas dos outros.

A 15 de junho falleceu a ultima freira do historico mosteiro de Odivellas, e o governo para logo lançou as garras, empalmando todos os rendimentos, objectos do culto, etc. etc., e sem se lembrar de que atropelava todas as leis, que calcava todos os direitos, que desprezava todas as noções da liberdade, deixou as velhas religiosas, companheiras da fallecida, dentro das paredes nuas do convento, sem roupas, sem pão, sem nada que as abrigasse que as livrasse da fome!

Da fome! As senhoras que ficaram em Odivellas, que se sustentavam dos rendimentos d'aquella casa, teem fome! E isto ás portas de Lisboa, da capital do reino de Portugal, da cidade que ainda ha pouco gastou milhares de contos em festanças!

E mais que isto, perto dos regios paços onde vive a rainha de Portugal, a que se dá o nome de Anjo da caridade! Anjo da caridade! Anjos da caridade eram as rainhas e princezas que fundavam casas, como a de Odivellas, para recolher, e livrar dos horrores da fome e da vergonha pobres mulheres;

mas não merece este nome, a rainha que não tem um rasgo de caridade para estender o regio braço em meio das mezas ministeriaes onde se repartem os despojos da Igreja portugueza.

Nunca daremos este nome, de anjo da caridade, á Rainha, que deixa pobres mulheres, que tinham que comer, entregues a todos os horrores, incluindo o da fome!

Constava em Braga, diz o nosso estimado collega o *Commercio do Minho*, que seria nomeado coadjutor e futuro successor do Exc.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Bispo de Lamego, o virtuoso Vigario Geral do Patriarchado, Exc.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Arcebispe de Mitylene.

Se a maior felicidade de uma Diocese, é ter um bom Prelado, grande felicidade é tambem, para as que o tem bom, como Lamego, o saber que lhe será dado um digno successor. Anhelando a confirmação de uma tal noticia, damos desde já, se ella se confirmar, mil parabens aos catholicos da Diocese Lameccense, e curvamo-nos respeitosos para beijar o anel do futuro Prelado de Lamego, o sabio, o virtuoso Exc.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. D. João Rebello Cardoso de Menezes, que conhecemos de Guimarães quando, esquecido do que valia, passeava pelas ruas da cidade com o sorriso nos labios, com os braços abertos para todas as pessoas.

Deus nosso Senhor faça verdadeira uma tal noticia, são os votos do que escreve estas linhas, e que tem a alta honra de possuir a amizade de Sua Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>

Foi bem feito!

A «Actualidade» diz que fora condemnado n'um dos tribunaes de Lisboa um typo de Chellas que dá pelo nome de José Martins, por não se descobrir á passagem do Sagrado Viatico, embora fosse prevenido pelo povo.

Diz que apanhou uma reprehensão, multa de 500 reis, custas e sellos do processo.

Foi pouco; porque os malcreados carecem de castigo maior. Pelo menos o juiz devia obrigar o tal José Martins a decorar um compendio de civilidade, mosmo dos que a *Bibliotheca* do povo publicou ultimamente, e fazer que elle uma vez por semana fosse ao tribunal fazer exame de civilidade.

Mas apesar do pouco, foi bem feito! Parabens ao juiz.

O Exc.<sup>mo</sup> Snr. Conde de Samodães, no relatorio apresentado como presidente da assembléa geral da irmandade

de da Misericórdia do Porto, apresentou a ideia de serem admittidas no importante hospital da mesma corporação as benemeritas Irmãs Hospitaleiras.

Damos mil parabens ao nobre titular e cremos que a ideia de Sua Exc.<sup>a</sup> hade cedo ou tarde ser admittida, porque os pobres doentes de uma casa de caridade, e da importancia que tem a Misericórdia do Porto, não podem estar entregues a infermeiros mercenarios, quando podem ter os verdadeiros infermeiros, esses anjos da caridade, que enchem de consolação as enfermarias, que suavizam muitas dores, que enchugam muitas lagrimas, porque são os enviados do Senhor, e que em nome d'Elle trabalham.

Conspirou se, porém, contra a ideia de S. Exc.<sup>a</sup> um tal Antonio Rodrigues Padim, que não temos a honra de conhecer, mas a quem lastimamos pelas poucas luzes que alumiam o seu espirito. E lastimamos este cavalheiro, porque hoje, aos inimigos das Irmãs de Caridade, já se lhe não chama atheus, inimigos da Religião, judeus, ou protestantes; porque os atheus, os inimigos da Igreja de Jesus Christo, os judeus, e os protestantes conhecem já os serviços prestados á humanidade por todas essas heroínas da caridade: aos que não gostam das Irmãs de Caridade, chama-se-lhe estupidos, ignorantes e inimigos declarados da humanidade.

Venha o snr. Padim examinar os hospitaes de Guimarães e verá o que elles devem a essas mulheres extraordinarias. O hospital da Ordem Terceira de S. Francisco principiou a transformar-se só com a entrada d'ellas. Deus recompense quem para ali as chamou, o nosso amigo sr. José Ferreira de Abreu, que com este acto inaugurou uma nova epoca para aquella casa. E nos demais hospitaes dá-se o mesmo caso.

Entre o snr. Padim nas vastas enfermarias do nosso hospital de Misericórdia, e, ao sair, depois de assistir ao redomoinhar d'aquellas figuras envoltas nos habitos da penitencia, n'aquelle acelerado de movimentos, na rapidez com que as menores exigencias dos pobres doentes são satisfeitas; depois de presenciar tudo isto ha-de forçosamente dizer:—é impossivel existir um hospital sem Irmãs da Caridade.

E' por isso que repetimos: Os que não querem Irmãs da Caridade nos hospitaes são simplesmente ignorantes.

E já que fallamos de Irmãs de Caridade, agrademos ao nosso esclarecido collega do Brazil—Pernambuco, *A Aurora*, o haver transcripto para as suas columnas a formosa poesia, devi-

da á penna do nosso bom amigo o Rev.<sup>mo</sup> Prior de Cintra e que fora aqui publicada sob o titulo de *A Irmã de Caridade*.

Vae o diabo a quatro nos arraias da geringonça triangular.

O Santo Padre Leão XIII restabeleceu canonicamente a companhia de Jesus, tal qual se achava antes de Clemente XIV. E por este facto os amigos da liberdade de funil, que fingiam rasgadas barretadas ao Papa actual, revolveram á ultima hora, depois de ler o Breve Pontificio, que publicaremos no proximo numero, enterrar o chapéu na cabeça, voltar as costas ao Papa, e dizerem uns para os outros:—Ora cebolorio, Leão XIII é tão bom como os outros Papas!

Pois vocês que queriam do Vigario de Jesus Christo, seus grandes maganões?! Agora se lhes parecer, para se desforrarem digam que Leão XIII já foi maçon, já pertenceu á chafarrica de tal, etc. etc. e tal. . .

Alaga, bota a baixo, que cheira a ordens religiosas!

Ha dias appareceram no convento das Grillas, em Lisboa, com o *justissimo* fim de avaliar o convento, igreja, propriedades urbanas e rustica que cercam o mesmo convento, de que o Estado está de posse (podéra), dois empregados do ministerio das obras publicas.

Do exame feito resultou saber-se, por emquanto, que ha n'aquella casa quadros de grande valor, conservando-se na igreja uma tea riquissima de ebano, e pilares de custoso marmore, em mosaico de cores, obra rarissima e unica em Portugal.

Que fará o governo nosso senhor a tantas preciosidades, e aos rendimentos das grillas?

Que fará?! essa é boa! Faz o mesmo que já fez a milhares de contos que, em nome da liberdade, desviou do fim para que destinados estavam. Comerá tudo!

Sim, comerá tudo, porque a barriega dos nossos governantes é assaz elastica. Irá tambem para esse medonho sorvedouro o convento de Arouca, esse riquissimo convento que a piedade christã de outras eras erguera, e que a liberal *munificencia* fez despejar não ha muito.

Este vasto edificio foi ha pouco inventariado, e concluiu-se que o seu valor, incluindo cerca, casas anexas e alfaias, se cleva a **Quinhentos contos de reis!**

Imagine-se com os rendimentos d'esta casa, quantos infelizes viviam,

o bem que se dispensava, as lagrimas que se enchugavam, as vergonhas que se preveniam, os crimes que se evitavam!

Mas vá, coma se tudo quanto cheira a frades e freiras, porque os antros do maçonismo, d'onde saem as leis portuguezes, estão ainda a pedir o resto. Coma-se, coma-se!

Os telegrammas do dia 18 de agosto, transmittidas de Lisboa para os diversos pontos do paiz davam a *agradavel e importantissima* noticia de que um dos oppositores ao concurso para primeiro official do ministerio do reino era o snr. Antonio Ennes.

*Folgamos* muito com a noticia, e cremos que NN será provido, porque o governo de S. M. não deixará de premiar com uma posta gorda o auctor dos *Lazaristas*, d'essa vergonha d'um povo, e de um partido politico que andava pelas varias terras do reino a fazer propaganda anti-catholica, mostrando o arlequim, o palhaço mais nojento que se tem espanejado no tablado da barraca de feira.

E' por estes caminhos, que deshonram a patria e que escurecem as glorias d'este seculo, que em Portugal se trepa para a santa meza do orgamento! Hade ser provido o NN!

Os jornaes da geringonça davam ha muito a noticia de que Humberto, rei da Italia *uma* subscreevera com a quantia de 18 contos de reis para o caso de que o colera invadissem Roma. Foi bom, porque escusa o filho de Victor Manuel impalmar tudo que Roma dá, e podemos applicar o ditado popular,—da rosca do meu compadre, grande fatia ao meu afilhado.

Do que é dos outros todos são generosos!

Mais generoso foi um rapaz da officina de S. José, d'essa santa instituição creada no Porto, longe da influencia liberalesca, que, achando duas notas de 100\$000 reis, as foi entregar ao director do dito estabelecimento, o revd.<sup>mo</sup> Padre Sebastião de Vasconcellos.

Ora se este rapaz fosse rei de *alguma parte*, guardava as notas e dava de esmola 25\$000 reis a algum albergue, para os jornaes berrarem annunciando a *generosa* offerta. Mas o rapaz é catholico! . . .

Ainda ha pouco fallamos da escola de meninas da Ordem Terceira de S. Francisco d'esta cidade, derigida pelas benemeritas Irmãs Hospitaleiras,

e já hoje temos de annunciar a distribuição dos premios, n'um collegio de meninas, dirigido por respeitaveis senhoras religiosas. Fallamos do collegio de S. José, estabelecido em Villa do Conde.

Foram esplendidas as festas no dia da distribuição dos premios, sendo estes distribuidos pelo nosso amigo e respeitavel sacerdote, Ex.<sup>mo</sup> Conego Santos Monteiro, que discursou, segundo noticias que temos, com a proficiencia que lhe é peculiar

Um correspondente da Povia de Varzim para um jornal portueuse, falando da festa e do collegio, disse o seguinte, que com muito qrazer transcrevemos, dando os parabens á exc.<sup>ma</sup> directora de tão importante estabelecimento de educação.

«Agora nós—Com effeito, surpreendeu-nos a exposição dos trabalhos, onde o bom gosto, a precisão e correção da arte não deixou de manifestar-se em toda a sua grandeza.

Por muito que quizessemos dizer, seria tudo pallido em presença do que sentimos.

O collegio de Villa do Conde é uma das primeiras casas de educação da nossa provincia, a quem os paes de familia podem confiar, sem cuidado, as suas filhas. A prova está ahí bem patente no numero de educandas que conta, todas das mais illustres familias, e nos progressos que, de dia para dia, revelam na educação moral, civil e religiosa, a par da aquisição de todas as prendas proprias do seu sexo.»

A exc.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Rosa Maria de Jesus Fonseca, de Braga, deu 100,000 reis para compra de uma lampada, que hade servir na capella do SS. Sacramento, do Bom Jesus do Monte.

Se um dia o governo paternal que nos rege, tem regido, ou vier a reger, se lembrar de que as alfaias e objectos do culto do Bom Jesus, são, como as propriedades dos frades e das freiras, bens nacionaes, lá vae a alampada, offerta da piedosa senhora bracarense.

E com o mesmo direito vão duas alampadas que ha tempos vimos ante o altar do SS. Sacramento da igreja da Misericordia d'esta cidade, que nos dizem offerecidas por duas piedosas senhoras, cujo nome ignoramos.

N'estas alturas, quando se dá alguma cousa para uma igreja, é necessario fazel-o com todas as seguranças, porque ha barrigas que até comem alampadas, que são mais pequenas que conventos!

O protestantismo prospera a olhos vistos, como diz o nosso povo, ou, como nós dizemos, caminha a passos agigantados pela senda do progresso caranguejeiro

Leia-se a seguinte noticia, que encontramos no «Arcoense», dos Arcos de Val-de-Vez:

«*Intrujão patusco* --Regressou d'America a uma freguezia de Melgaço. d'onde é natural, um patusco de barbas grandes, arvorado em missionario protestante.

Este pandego faz missas e predicas em casa a uns maltrapilhos, que o aturam pela modica quantia de 20 reis.

Ha dias morreu-lhe um filho e foi elle quem lhe resou os responsos de sepultura e acompanhou ao cemiterio, onde foi sepultado no lugar reservado para os que morrem fóra do gremio catholico.»

Aqui tem no que veio a dar o protestantismo! Qualquer dia vemos a seita a vender sermões nas barracas de feira, a par da barraca onde o NN vende os *Lazaristas*, e tanto encomodarão a gente que, a final, o protestantismo hade ser expropriado por utilidade publica, como qualquer casarão que ameça ruina.

Seja ou não verdade, sempre é bom narrar certos factos, e este parece-nos de grande importancia, porque importante é tudo quanto se refere á vida e saude dos nossos semelhantes.

O *The Stamps Collector's Magazine*, periodico inglez diz que ao dr. Chorley, de Nottingham fóra enviada uma carta pedindo-lhe o seu parecer, depois de examinadas duas estampilhas do correio, que na mesma carta lhe eram enviadas. O medico formulou immediatamente a sua opinião, porque, dois segundos depois de molhar com a lingua uma das estampilhas, achou-se encommoado, e deve á rapidez com que applicou um medicamento o não morrer envenenado.

Na Allemanha, narra o mesmo periodico tem-se amputado a lingua a varias pessoas por causa do veneno nas estampilhas, e já em França se descobriu o mesmo. Em Inglaterra o governo tem todo o cuidado com a preparação da gomma empregada nas estampilhas.

Nós lembramos a todos os nossos leitores o meio de que usamos para molhar as estampilhas, e é simplesmente ter sobre a meza do trabalho uma esponja com agua, e n'ella humedecer as estampilhas. O ter de molhar n'um só

dia mais de 2 mil estampilhas, o que seria bastante para gastar uma lingua, levou nos a procurar o meio apontado.

Repetimos, seja ou não verdadeira a noticia, é bom ter cautella.

O governo italiano, perseguidor das Ordens Religiosas, Frades e Freiras, na Peninsula Italica, tem nos *orçamentos*, geral do estado e no do *Fondo per il Cullo*, a verba de despeza na totalidade de 80,000 francos para os Sacerdotes nas Missões fóra de aquella Peninsula; por sentimento de zelo pela propagação da Fé Catholica não é crível n'uma entidade que tem prisioneiro o Soberano-Pontifice! assim o motivo é outro, e facil de perceber.

Conhece aquelle governo que os Missionarios Catholicos, os unicos verdadeiros, ganham os corações dos Povos pela só razão de conduzirem estes ao caminho de Deus, do que resulta uma natural-moral influencia, e reconhecimento ao Paiz de onde lhes vem os Enviados da Verdade sem que os Povos inquiram as circumstancias em que se possa achar a Terra que deu o berço aos seus tão assignalados Bemfeitores; logo o Governo italiano aproveita taes condições embora seja só por calculo politico, o que não envolve as consciencias dos Missionarios nem as dos seus catecumenos e neophitos. Eis esclarecido o inde de aquelles 80,000 francos que sem condições e em *tuta conscientia* os Missionarios aceitam. Dizia o Eminentissimo Cardeal Wisemen «que a hebréa casa Rothschild de Londres era sempre concorrente nas suas subscrições para obras catholicas.»

J. de Freitas.

### Aos que podem

Está ainda pequenissima a subscrição para as duas senhoras, nossas amigas, que desejam cocobrir-se com o habito da Seraphina do Carmello, e não tem meios.

Por isso continuamos a estender a mão aos que tem que dar.

Transporte do n.º anterior. . . 21,595  
Um amigo de frades e freiras,  
d'Ovar. . . . . 400  
Do assignante n.º 679, de Santa Cruz. . . . . 700

Somma. . . . . 22,5695

